

O essencial de *A Filosofia da Liberdade*, de Rudolf Steiner

Frederick Amrine¹

Tradução: Valdemar W. Setzer²

Esta versão: 9/3/22

Prefácio do tradutor

Esta é uma tradução do capítulo 5 do livro de F. Amrine *Kicking Away the Ladder: The Philosophical Roots of Waldorf Education* traduzido por mim na íntegra como *Jogando fora a escada: as raízas filosóficas da Pedagogia Waldorf*, ainda não publicado. Entusiasmei-me pelo livro, devido a sua profundidade e colocação histórica da filosofia de Steiner, incluindo tendências filosóficas atuais. Tendo estudado algumas vezes o livro *A Filosofia da Liberdade*, de Rudolf Steiner, participado de dois grupos de estudo sobre esse livro, e dados várias palestras “Uma introdução ao livro *A Filosofia da Liberdade*”, pude apreciar enormemente o excelente trabalho do Prof. Amrine em extrair do livro partes essenciais dele, deixando de lado muitos detalhes que o tornam muito árido. Achei que esse capítulo é uma excelente introdução ao livro, que o próprio Steiner classificou como a única coisa que iria sobrar da sua antroposofia no futuro remoto. Recomendo que a pessoa ou grupo de estudos que for estudar o livro siga este texto como orientação e resumo.

Perguntei ao Prof. Amrine se poderia divulgar essa minha tradução desse capítulo e, para minha alegria, ele me deu autorização para fazê-lo sem nenhuma restrição. Assim surgiu este texto, que coloco em meu site para ficar à disposição de qualquer um (posso enviar como arquivo se alguém quiser):

<https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/Amrine-essencial-da-FidaLi.pdf>

É importante ressaltar que traduzi os originais com a tradução do próprio Prof. Amrine para o inglês, sem usar as duas traduções existentes neste momento.³ Tomei essa decisão pois achei que seria interessante ter a tradução do texto do Prof. Amrine como mais uma alternativa. Usei as duas traduções referidas somente para tirar dúvidas de como traduzir alguns termos que estavam dúbios. Coloquei alguns termos seguidos do original em itálico entre colchetes, como por exemplo [*percept*]; nesse exemplo, não usei ‘percepto’, que existe em português mas é uma expressão filosófica, e a intenção foi de tornar o livro de Steiner grandemente acessível. Coloquei índices de referência para as páginas das duas traduções, indicando onde se encontram os trechos deste texto, assim o leitor pode consultá-las. Os índices estão na forma [g;v] onde g e v são os números das páginas das traduções de Grandisoli e Veiga, respectivamente. Quando o prof. Amrine usou reticências (...) no meio de um parágrafo, isso indica que trechos deles foram pulados; quando elas aparecem antes de um parágrafo, isso indica que alguns parágrafos foram sido pulados.

Felizmente, uma nova tradução de *A Filosofia da Liberdade* para o português está acabando de ser elaborada, por João Torunski e Rogério Y. Santos. Quem sabe quando ela for publicada vou mudar todos os trechos para essa última, se houver permissão da editora que o publicar.

¹ Prof. Titular da Univ. de Michigan em Ann Arbor. Ver <https://lsa.umich.edu/german/people/faculty/amrine.html>
Para algumas de suas publicações ver

https://www.amazon.com/Frederick-Amrine/e/B073X49KXN%3Fref=dbs_a_mng_rwt_scns_share

² Prof. Titular Senior, Dept. de Ciência da Computação da USP. <https://www.ime.usp.br/~vwsetzer>

³ Steiner, R. *A Filosofia da Liberdade: Elementos de uma cosmovisão moderna*, GA [Obra Completa]. 4. Trad. Alcides Grandisoli, 2ª ed. São Paulo: Antroposófica 1988 (recomendável), e *A Filosofia da Liberdade: Fundamentos para uma filosofia moderna*, 3ª ed. Trad. Marcelo da Veiga. São Paulo, Antroposófica 2000 (não recomendável).

Finalmente, este texto só foi revisado por mim, o que nunca deveria ser o caso: um autor muitas vezes lê o que queria escrever e não o que escreveu. Assim, peço a colaboração dos leitores: se alguém achar qualquer errinho, por favor, comunique-me. Terá direito a um agradecimento...

V.W.Setzer

Introdução

Há muito tempo sinto que a Filosofia da Liberdade de Steiner (1894) exibe uma natureza dupla. Certas partes transcendem o tempo em que foram escritas e permanecem hoje tão frescas e válidas como sempre. Essas partes de *A filosofia da liberdade* são imortais.

No entanto, outras partes não. Nelas, Steiner lida com cosmovisões e filósofos (notavelmente Eduard von Hartmann) que não são mais relevantes hoje. E essas seções realmente diluem o argumento; embora seja talvez herético dizer isso, eles acabem diminuindo o livro como um todo.

No entanto, grande parte da atração do volume reside na elegância de suas formulações. Repetidamente, Steiner é capaz de enquadrar seu argumento em máximas lapidares. Elas devem ser destacadas e trazidas à tona.

Assim, tive a ideia de uma versão resumida, que removeria as distrações e faria as pérolas se destacarem. O que se segue é essa versão, que fala por si mesma e já é concisa ao máximo. A tradução é nova e é minha.

A filosofia da liberdade Esboços de uma visão de mundo moderna Resultados de observações psíquicas de acordo com o método científico

Prefácio à nova edição de 1918

... [IX;9] Tentei mostrar que existe uma concepção da natureza humana que pode fornecer suporte para todo o conhecimento restante. Além disso, procurei indicar que, com esse ponto de vista, pode-se justificar totalmente a ideia da liberdade da vontade, se apenas for encontrado o âmbito da alma dentro do qual o livre-arbítrio pode desenvolver-se.

... Não dou uma resposta acabada e fechada. Em vez disso, indico um âmbito de experiência psíquica no qual, por meio da atividade interna da própria alma, a pergunta é respondida de maneira nova, viva, a cada momento em que nós, humanos, necessitamos dela. Quem quer que tenha encontrado o âmbito psíquico no qual essas questões se revelam recebeu, ao ver isso verdadeiramente, o que é necessário para encarar esses dois enigmas da vida. Com o que foi ganho, ele ou ela podem prosseguir a vaguear pelos caminhos da vida em sua amplitude e profundidade, conforme a necessidade e o destino ocasionem.

... [X,10] É o seguinte: demonstrar como a consideração imparcial apenas das duas questões que caracterizei, que são fundamentais para *todo* o conhecimento, leva à concepção de que nós, como humanos, vivemos genuinamente dentro um mundo espiritual.

Prefácio à primeira edição⁴

... Não queremos mais apenas *acreditar*; nós queremos *conhecer* [know]. A crença exige a profissão de fé [confession] de verdades que permanecem opacas. O que não penetramos, entretanto, contradiz nossa individualidade, que quer experimentar tudo no seu mais íntimo. Somente o *conhecimento* nos satisfaz – conhecimento que não está sujeito a nenhuma norma externa, mas sim brota da vida interior da personalidade.

Nem queremos um conhecimento que foi expresso de uma vez por todas em regras acadêmicas congeladas e armazenado em compêndios válidos para todos os tempos. Em vez disso, cada pessoa é justificada em proceder a partir de sua experiência mais íntima e ascender daí para o conhecimento de todo o universo. Buscamos um conhecimento rigoroso, mas cada pessoa à sua maneira.

... Sei que muitos de meus/minhas contemporâneos/as estão procurando viver de acordo com esse princípio. A eles/as dedico este livro. Não é ‘o único caminho possível’ para a verdade, mas descreve *um* caminho percorrido por quem se esforçou pela verdade.

... neste texto o objetivo é filosófico: o próprio conhecimento deve tornar-se organicamente vivo. As disciplinas separadas são etapas preliminares em direção à forma abrangente de cognição que nos esforçamos para atingir. (...) Ao se comporem, as leis da harmonia servem à vida, à realidade. Precisamente no mesmo sentido, a filosofia é uma *arte*. Todos os filósofos genuínos eram *artistas em [produzir] conceitos*. Para eles, as ideias humanas tornaram-se o assunto e o método científico tornou-se uma técnica artística. Com isso, o pensamento abstrato ganha vida concreta e individual. As ideias tornam-se poderes de vida. O resultado não é um conhecimento sobre as coisas; em vez disso, transformamos o conhecimento em um organismo real e autônomo. Nossa consciência real e ativa transcendeu qualquer recepção meramente passiva de verdades.

... Temos que confrontar a ideia como experimentadores ativos; *caso contrário*, usamo-la como uma submissão [yoke].

O conhecimento da liberdade

I

A ação humana consciente

[3;15] Os seres humanos são *livres* em seus pensamentos e ações, ou permanecem sob a compulsão de uma necessidade férrea puramente natural?

[3;16] ... Que a liberdade não pode consistir em escolher uma ou outra ação de maneira inteiramente segundo a vontade é algo que parecem saber todos que já progrediram além da infância filosófica. [No original: Afirmamos] Afirmam que há sempre um *terreno* inteiramente determinado para a realização de uma ação específica entre muitas outras possíveis.

[5;18] ... Espinoza, e todos os que pensam como ele, esquecem que nós, humanos, temos não apenas consciência de nossas ações, mas também das *causas* que nos guiam. ... De fato há uma grande diferença se eu sei por que faço algo ou não. Isso parece inicialmente uma verdade totalmente óbvia. No entanto, os oponentes da liberdade nunca perguntam se a fonte de uma ação que eu reconheço e na qual eu penetro é para mim compulsória da mesma forma que o processo orgânico que ocasiona o choro da criança pedindo leite.

... Mas se for considerado que várias pessoas fazem de uma representação a fonte de uma ação somente quando o caráter delas é tal que a representação correspondente é a ocasião para um desejo, então nós,

⁴ N.T. Esse prefácio da primeira edição não consta das traduções em português referidas.

seres humanos, parecemos ser determinados de *dentro* e não de *fora*. ... Também aqui não se considera de forma alguma a diferença que existe entre os motivos que permito atuar sobre mim somente depois de os ter permeado com minha consciência, e os que sigo sem possuir deles um conhecimento claro.

... [6;19] A questão da liberdade de nossa vontade deve ser colocada unilateralmente, por si mesma? Se não for assim, a que outra pergunta ela deve necessariamente ser vinculada?

... O que significa ter um *conhecimento* de nossas ações? Essa questão foi muito pouco considerada, porque infelizmente dividimos em dois o que na verdade é um todo inseparável: o ser humano. Procurou-se distinguir entre o indivíduo que *age* e o que *conhece*, mas não se deu atenção ao que importa acima de tudo: o indivíduo que *age a partir da inspiração* [*insight*].

... Afirma-se que somos livres quando nos colocamos sob o domínio de nossa razão, e não sob apetites animais.

... Mas tais afirmações não nos levam a lugar nenhum.

... [7;20] Como a questão de eu poder fazer algo ou não, deveria ter um significado para mim, quando sou *forçado* por algum motivo para fazê-lo? Não é uma questão inicial de saber se posso fazer algo ou não, quando sou *forçado* pelo motivo a fazê-lo? Inicialmente, não é uma questão de saber se eu posso fazer algo ou não quando o motivo atuou em mim, mas sim se existem os tais motivos trabalhando com a compulsão necessária.

... [7;21] Não é uma questão de saber se posso levar uma resolução concluída à ação, mas sim *como a resolução surge dentro de mim*.

O que distingue os seres humanos de todos os outros seres orgânicos é o nosso pensamento racional.

... [8;21] de fato, tais atos humanos existem devido ao fato de haver, entre nós e a ação, *o motivo que se tornou consciente*.

[8;22] ... É inteiramente óbvio que uma ação não pode ser *livre* quando seu autor não sabe por que a executa. Mas como fica no caso de uma ação quando os motivos são conhecidos? Isso nos leva à pergunta: Qual é a origem e o significado do pensamento? ... e assim o pensamento também dá à ação humana sua marca característica.

... No entanto, assim que nossas ações se elevam da esfera da satisfação dos desejos animais, nossas fontes de ação estão sempre repletas de pensamento. ... A pena surge no meu coração quando surge na minha consciência a imagem de uma pessoa que desperta pena. O caminho para o coração passa pela cabeça. ... [9;22] O que alguém fez, senão formar uma representação mental para ela/e mesma/o, que com outros não formaram. Eles não amam, porque lhes falta a representação.

II

O impulso fundamental para o conhecimento

...[10;24] Cada olhar para a natureza desperta em nós uma série de perguntas. A cada aparência que confrontamos, recebemos uma tarefa. Cada experiência torna-se um enigma para nós. ... Nunca estamos satisfeitos com o que a natureza espalha diante de nossos sentidos. Em toda parte, buscamos o que chamamos de *explicação* dos fatos.

[10;25] O excedente daquilo que buscamos nas coisas, sobre o que nos é dado imediatamente, divide todo o nosso ser em duas partes; tomamos consciência de nossa oposição ao mundo. Nós nos colocamos como um ser independente em oposição ao mundo. O universo se nos apresenta em duas antíteses: *eu* [*self*] e *mundo*.

[11;25] Construimos essa divisao entre nos e o mundo no momento em que a consciencia se ilumina dentro de nos. Mas nunca perdemos a sensacao de pertencer ao mundo, de que existe um vinculo que nos liga a ele, de que nao somos um ser no *exterior*, mas sim *dentro* do universo.

... O pensador busca as leis dos fenomenos, ele se esforca para permear com o pensamento o que experimenta como observacao. Somente quando transformamos o *conteudo do mundo no conteudo do pensamento*, e que encontramos novamente o contexto do qual nos libertamos. ... Toda a relacao que descrevi aqui nos parece um fenomeno historico mundial: na antiteses da concepcao unificada de mundo do *monismo* e da teoria dos dois mundos do *dualismo*. O dualismo ve apenas a divisao entre o eu [*self*] e o mundo, que foi completada pela consciencia humana. ... Ele tem a sensacao de que deve haver uma ponte entre os dois mundos, mas nao e capaz de encontra-la. ... Todos os enigmas que se referem ao espirito e a mataria devem ser encontrados pelo ser humano no enigma fundamental de nossa propria natureza. O *monismo* ve apenas a unidade e procura negar ou obscurecer as antiteses que surgiram. Nenhuma dessas opinioes pode satisfazer, porque nao fazem justica aos fatos.

... [12;26] O materialismo jamais pode fornecer uma explicacao satisfatoria do mundo. Pois toda tentativa de explicacao deve comecar com nossa formacao de *pensamentos* sobre os fenomenos do mundo. Assim, o materialismo comeca com o *pensamento* da mataria ou dos processos materiais. Ao fazer isso, ele ja confronta dois ambitos diferentes de fatos: o mundo material e os pensamentos sobre ele. ... A visao materialista nao pode resolver o problema; ela so pode deslocá-lo.

[13;28] ... Assim como e impossivel para o materialista negar o espirito, o espiritualista tambem nao pode negar o mundo externo, material.

... [O espiritualismo] nao consegue buscar o mundo das ideias *por meio* de um mundo *espiritual*; ele ve o mundo espiritual no proprio mundo das ideias. Ele e, portanto, levado a parar sua visao de mundo dentro da atividade do proprio eu [*ego*], como se estivesse enfeitado.

[14;29] ... Contra todas essas posturas, deve-se afirmar que a antiteses fundamental e primordial nos confronta primeiro em nossa consciencia. Nos mesmos somos aqueles que nos separamos do seio da natureza e nos colocamos contra o 'mundo' como um 'eu' [*self*].

... Com certeza, nos nos afastamos da natureza; no entanto, certamente devemos ter assumido algo dela em nos mesmos [*in our own selves*]. Devemos buscar essa parte da natureza em nos mesmos; entao encontraremos novamente a conexao original. ... Podemos encontrar a natureza fora de nos apenas se a reconhecermos *dentro* de nos. Aquilo que e semelhante a natureza em nossa propria interioridade sera nosso guia.

... A investigacao de nossa natureza deve trazer-nos a solucao para o enigma. Devemos chegar a um ponto em que possamos dizer a nos mesmos: aqui nao somos apenas 'eu' [*self*]; aqui esta algo que e mais do que um 'eu'.

III

O pensar a servico de nossa compreensao do mundo

[16;31] Quando observo como uma bola de bilhar que e impelida transfere seu movimento para outra, permaneço totalmente sem influencia no curso desse processo observado. ... Mas a situacao e diferente quando comeco a contemplar o conteudo de minha observacao. ... Procuro, assim, agregar ao processo que decorre sem minha ajuda um segundo, que se desenvolve na esfera conceitual. ... O primeiro processo certamente ocorre independentemente de mim, mas tambem e certo que o processo conceitual nao pode acontecer sem minha ajuda.

... Vamos estabelecer provisoriamente o mero fato de que nos sentimos continuamente compelidos a buscar conceitos e laços conceituais que mantêm uma certa relação com objetos e acontecimentos dados sem nossa ajuda. ... Portanto, a questão agora é: O que ganhamos ao encontrar uma contrapartida conceitual para um evento?

[17;32] ... Um evento ou objeto meramente observado não fornece nada por si mesmo sobre seu relacionamento com outros eventos ou objetos. Essa conexão só se torna visível quando a observação é combinada com o pensamento.

Observação e pensamento são os dois pontos de partida para toda aspiração espiritual humana, na medida em que temos consciência disso.

... O pensamento pode desempenhar um papel secundário na geração dos fenômenos, mas ao gerar uma visão sobre eles, certamente desempenha um papel importante.

[18;33] ... Não podemos obter o conceito de cavalo meramente olhando para ele; da mesma forma, somos incapazes de formar um objeto correspondente simplesmente pensando sobre ele.

Temporalmente, a observação ainda precede o pensamento. Pois o pensamento também deve ser aprendido primeiro por meio da observação. ... O conteúdo das sensações, percepções, contemplações, sentimentos, atos de vontade, formações imaginárias e oníricas, representações, conceitos e ideias, todas as ilusões e alucinações nos são dados por meio da *observação*.

... No entanto, o pensar como o objeto de observação é essencialmente diferente de todas as outras coisas. ... Observo a mesa, executo o pensamento sobre a mesa, mas não observo meu pensamento no mesmo instante. Devo primeiro adotar uma posição fora de minha própria atividade se, além da mesa, também desejo observar meu pensamento sobre a mesa. ... a observação do pensamento é uma espécie de 'estado de exceção'.

[19;34] ... Se digo sobre um objeto observado: "Isto é uma rosa," então não explico absolutamente nada sobre mim mesmo. Porém, se digo sobre a mesma coisa: "Isto deu-me uma sensação de prazer," então não apenas caracterizei a rosa, mas também a mim mesmo em relação à rosa.

[19;35] Portanto, não pode haver qualquer discussão sobre a equivalência do pensamento com o sentimento. ... Pertence à natureza peculiar do pensar, o fato de ele ser uma atividade dirigida apenas ao objeto observado, e não à personalidade pensante. ... Quando vejo um objeto e o reconheço como uma mesa, geralmente não digo: "Estou pensando em uma mesa," mas sim: "Isto é uma mesa." ... Com a expressão: "Estou pensando em uma mesa," já entrei no referido estado de exceção, em que algo tornou-se objeto da observação (que está sempre contido em nossa atividade mental), embora não como um objeto observado.

Pertence às peculiaridades do pensamento que o pensador se esqueça de pensar enquanto o efetua. Não é o pensar que o preocupa, mas sim o objeto de pensamento que ele observa.

Assim, a primeira observação que fazemos sobre o pensamento é que ele é o elemento não observado em nossa vida mental normal.

A razão pela qual deixamos de observar o pensamento no curso normal da vida é unicamente porque ele depende de nossa própria atividade. O que eu mesmo não produzo entra em meu campo de observação como algo objetivo. Eu me oponho a isso como algo que surgiu sem mim. ... enquanto estou pensando, não olho para o meu pensamento, que eu mesmo produzo, mas sim para o objeto do pensar, que não produzo.

[20;35] ... Nunca posso observar meu pensamento atual; em vez disso, apenas posso transformar posteriormente em objeto de pensamento as experiências que fiz a respeito do meu processo de pensar.

...Duas coisas são incompatíveis: produção ativa e confronto contemplativo.

[20;36] ... A razão pela qual é impossível observar simultaneamente o pensamento enquanto ele se desenrola é a mesma que nos permite conhecê-lo mais direta e intimamente do que qualquer outro processo no mundo. ... A conexão que tenho entre conceitos é clara para mim, e é clara por meio dos próprios conceitos.

[21;37] ... O resultado da minha observação é que nada guia as conexões entre meus pensamentos, a não ser o conteúdo do meu pensamento. Não sou guiado pelo processo material em meu cérebro. Para uma época menos materialista do que a nossa, essa observação seria, obviamente, inteiramente supérflua. ... Hoje é difícil, para muitas pessoas, compreender o conceito do pensar em sua pureza. ... Quem não consegue superar o materialismo não tem a capacidade de evocar o referido estado de exceção que traz à consciência o que permanece inconsciente em todas as outras atividades mentais. ... Essas pessoas falham em explicar o pensamento, porque simplesmente não o veem.

Para aqueles de nós que têm a capacidade de observar o pensamento – com boa vontade, todo ser humano normalmente organizado a tem – essa observação é a mais importante que eles podem fazer. Pois eles observam algo que eles próprios produzem; eles não situam-se frente a um objeto inicialmente estranho, mas sim com sua própria atividade. Eles sabem como surge aquilo que observam. Eles veem através dos relacionamentos e das conexões.

[22;38] ... No entanto, quando eu contemplo meu pensamento, então nenhum elemento não considerado está presente. Pois o que paira no fundo novamente nada mais é do que pensamento. O objeto observado é qualitativamente o mesmo que a atividade dirigida a ele. E essa é outra peculiaridade característica do pensar.

[23;39] ... quando pensamos sobre o próprio pensamento, não adicionamos algo estranho ao pensamento e, portanto, também não temos que justificar tal adição.

Aquilo que é impossível no caso da natureza – a criação antes do reconhecimento – é realizado pelo pensamento. Se quiséssemos esperar com o pensamento até o termos reconhecido, nunca o conseguiríamos. Devemos começar a pensar decididamente, para depois, por meio da observação do que fizemos, chegar ao conhecimento dele. Para a observação do pensamento, primeiro criamos um objeto. A presença de todos os outros objetos é fornecida sem nossa ajuda.

[23;40] ... Pois, afinal, não é sem razão que a digestão não pode se tornar o objeto da digestão, mas o pensamento pode muito bem tornar-se o objeto do pensar.

Portanto, é inquestionável: ao pensar, temos um controle sobre um canto dos eventos do mundo em que, se algo deve surgir, temos que estar presentes. Esse é precisamente o ponto. Essa é a razão pela qual as coisas se opõem a mim de forma tão enigmática: é porque eu estou envolvido em seu surgimento. Eu simplesmente as encontro presentes; porém, sei como o pensamento é feito. Portanto, não há ponto de partida mais original do que o pensamento para a contemplação dos acontecimentos do mundo.

[24;40] ... Não transformo algo em outra coisa ao contemplá-lo com o pensamento. ... Eu mesmo observo o que faço.

[24,41] ... No pensar, temos um princípio que é independente. Começando aqui, vamos tentar compreender o mundo. A questão é apenas se por meio do pensar podemos, além disso, apreender algo mais.

[25;41] ... Supostamente não existe pensar sem consciência. A isso devo me opor: se quero obter clareza sobre a relação que existe entre o pensamento e a consciência, tenho que pensar sobre isso. O pensamento

é pressuposto assim. ... É claro que não se pode ter pensamento sem antes ter consciência. Mas para o filósofo não se trata da criação do mundo, mas antes de sua compreensão.

[25;42] ... Temos primeiro que considerar o pensamento de forma totalmente neutra, sem relação com um sujeito pensante ou um objeto pensado. Pois em 'sujeito' e 'objeto' já temos conceitos que foram formados pelo pensamento. Não pode ser negado: *o pensamento deve surgir antes que qualquer coisa possa ser compreendida*. Quem quer que negue isso, deixa de ver que, como ser humano, ele não é o primeiro membro da criação, mas sim seu ponto final.

[26;42] ... Pensar é um fato, e falar sobre se é verdadeiro ou falso não faz sentido. No máximo, posso duvidar se o pensamento foi aplicado de maneira adequada.

Adendo à nova edição de 1918

[26;43] ... *Somente* na ativação do pensamento o 'eu' [*self*] conhece a si mesmo, para ser *uno* com o ator até as últimas ramificações de sua atividade. [27;43] ... Pode-se ir mais longe a ponto de dizer que, por causa da entidade de pensamento que foi colocada em jogo, isso parece ao observador ser totalmente *desejado*.

[27;44] ... Uma observação sem preconceitos produz a intuição [*insight*] de que nada pode ser considerado uma parte do pensamento que não seja encontrada no próprio pensamento. Não se pode chegar a algo que o pensamento *gera* se se deixar o âmbito do pensamento.

IV

O mundo como o que é percebido⁵

[28;45] Por meio do pensamento surgem *conceitos* e *ideias*. O que é um conceito não pode ser dito com palavras. As palavras podem apenas nos tornar conscientes de que temos conceitos. ... Quanto mais nossa experiência se expande, maior se torna a soma de nossos conceitos. Os conceitos não estão, de modo algum, isolados. Em vez disso, eles se combinam em um organismo ordenado. ... As ideias não são qualitativamente diferentes dos conceitos. São apenas conceitos com maior conteúdo, mais saturados e abrangentes.

Deve-se notar especialmente que aqui, neste ponto, designei como meu ponto de partida o *pensamento*, e não *conceitos* e *ideias*, que só são conquistados por meio do pensamento. Eles já pressupõem o pensar.

... Os conceitos não podem ser obtidos por meio da observação. ... Os conceitos são adicionados à observação.

... A observação provoca o pensar, e é isso que me mostra o caminho pelo qual uma experiência individual se une a outra.

[29;46] ... A consciência humana é o palco onde o conceito e a observação se encontram e se unem. Mas isso também caracteriza a consciência (humana). É o mediador entre o pensamento e a observação. Na medida em que observamos um objeto, isso nos parece dado; na medida em que pensamos, parecemos a nós mesmos sermos ativos. Vemos aquilo oposto a nós como *objeto* e a nós mesmos como sujeito pensante. Pelo fato de direcionarmos nosso pensamento à observação, temos consciência dos objetos; pelo fato de direcionarmos nosso pensamento sobre nós mesmos, temos uma consciência de nós mesmos, ou *autoconsciência*.

⁵ NT: no original, *percept*,

[29;47] ... Agora, porém, não se deve esquecer que nos determinamos como sujeitos e nos contrapomos aos objetos apenas com a ajuda do pensamento. Portanto, o pensamento nunca deve ser compreendido como uma atividade meramente subjetiva. O pensamento está *além* do sujeito e do objeto. [30;47] ... O sujeito não pensa porque é um sujeito; em vez disso, parece-se sujeito porque é capaz de pensar. ... Nunca posso afirmar que meu sujeito individual pensa; ao contrário, isso vive muito mais pela própria graça de pensar. Pensar assim é um elemento que vai além de mim e me liga aos objetos.

[30;48] ... O mundo então mostraria a esse ser [surgindo do nada, com inteligência humana, e se confrontasse como o mundo] apenas o agregado puramente desconexo de *objetos de sensação*: cores; sons; sensações de pressão, calor, sabor e odor; depois sentimentos de prazer ou desprazer. Esse agregado é o conteúdo da observação pura e impensada.

... Se apenas nos lembrarmos de que a atividade de pensar não deve ser apreendida como subjetiva, não seremos tentados a acreditar que tais relações que foram estabelecidas por meio do pensamento têm uma validade meramente subjetiva.

[31;48] ... Chamarei de *percepções* os objetos de sensação direta, aos quais me referi acima, na medida em que o sujeito consciente tem conhecimento deles por meio da observação. Assim, não é o processo de observação, mas antes o objeto da observação, que designo com este nome.

... Também com relação aos meus sentimentos, ganho conhecimento na medida em que se tornam percepção para mim.

[31;49] ... Cada expansão do círculo de minhas percepções obriga-me a fazer mais correções em minha imagem do mundo. Isso se mostra tanto na vida diária quanto na evolução mais ampla da consciência humana.

[32;49] ... O assunto fica mais difícil quando eu fico sabendo que nosso mundo de percepção depende de nossa organização física e mental. ... [32;50] Gostaria de chamar de matemática a dependência de minha imagem perceptiva em relação ao ponto de observação, e de qualitativa a de meu organismo.

... Portanto, minha percepção é inicialmente subjetiva.

[33;51] ... Exceto por minhas percepções, porém, não conheço objetos e não posso conhecer nenhum.

Assim, nossa consideração passa do objeto de percepção para o sujeito da mesma. Percebo não apenas outras coisas, mas também a mim mesmo.

[34;52] ... Apenas por estar me percebendo e percebendo que, a cada percepção, seu conteúdo muda, me vejo forçado a trazer a observação do objeto em conexão com minha própria mudança de condição e a falar de representação.

Eu percebo a representação em mim mesmo, no mesmo sentido que a cor, o som etc. em outros objetos. Agora posso fazer a distinção de que chamo esses outros objetos de *mundo exterior*, enquanto designo o conteúdo de minha propriocepção de *mundo interior*. A confusão da relação entre representação e objeto trouxe os maiores mal-entendidos dentro da filosofia moderna.

... Supostamente nada sei sobre a mesa em si, o objeto da minha observação, mas apenas da alteração que supostamente acontece comigo, quando percebo a mesa. [35;53] ... Esta visão se opõe à prevalecente kantiana, que não limita nosso conhecimento à nossa representação porque está convencida de que não pode haver nada além dessas representações, mas sim porque acredita que somos organizados de tal maneira, que somente devido às modificações de nossa identidade própria [*our self*], e não as alterações das coisas, que produzem as modificações.

[37;56] ... Seria difícil encontrar outro edifício na história do pensamento humano que tenha sido montado com maior engenhosidade e, no entanto, desmorone-se em nada quando examinado mais de

perto. [38;57] ... Acredito que reconheço como criação da minha alma o que o indivíduo ingênuo vê como presente fora do espaço.

... Eu era da opinião: [a percepção exterior] tinha uma existência objetiva, assim como eu a percebo. Agora percebo que ela desaparece com a minha representação, que é apenas uma modificação do meu estado psíquico. Portanto, estou absolutamente justificado em proceder a partir disso em minhas deliberações? ... Mas segue-se que meus órgãos dos sentidos e os processos neles existentes são meramente subjetivos. ... Se eu percorrer o primeiro círculo de pensamento com a presunção de que está correto, agora, pela segunda vez, o membro de meu ato de cognição revela-se uma rede de representações que, como tal, não podem afetar uma à outra. ... Assim que ficar claro para mim que meus órgãos sensoriais e sua atividade, os processos nervosos e sensoriais, também podem ser dados por meio da percepção, o citado processo de pensamento mostra que isso é completamente impossível.

[39;58]... O referido modo de pensar, que se autodenomina idealismo crítico em oposição ao ponto de vista da consciência ingênua, do realismo ingênuo, comete o erro de caracterizar *uma certa* percepção como representação, enquanto toma a outra precisamente no sentido do realismo ingênuo supostamente refutado.

[39;59] ... No momento em que tomamos consciência de que as percepções do próprio organismo são exatamente as mesmas que aquelas assumidas pelo realismo ingênuo como existindo objetivamente, não podemos mais tomar a primeira como uma base segura. ... O chamado idealismo crítico não pode mais ser provado sem emprestar algo do realismo ingênuo.

[40;60] ... O idealismo crítico está totalmente despreparado para obter uma visão da relação entre percepção e representação.

V

O conhecimento do mundo

[41;61] ... A verdade do idealismo crítico é uma coisa, mas outra completamente diferente é o poder de persuasão de sua prova. Como ele se posiciona em relação à primeira se mostrará no curso de nossas deliberações. No entanto, o poder de persuasão de sua prova é efetivamente zero. Quando se constrói uma casa, e ao trabalhar no segundo andar o primeiro desaba, o segundo desmorona com ele. Realismo ingênuo e idealismo crítico são relacionados como o andar térreo para o segundo andar.

... [O idealista crítico] pergunta: quanto dessas últimas [as coisas que estão além de nossa consciência, que não estão relacionadas a nós] podemos saber indiretamente, uma vez que eles permanecem desconhecidos para nossa observação imediata? Aquele que adotou esse ponto de vista não se preocupa com as conexões internas de suas percepções conscientes, mas antes com suas causas que não são mais conscientes, enquanto, de acordo com seu ponto de vista, as percepções desaparecem assim que ele afasta seus sentidos das coisas. Dessa perspectiva, nossa consciência funciona como um espelho, cuja imagem de coisas específicas desaparece no momento em que a superfície espelhada não está mais voltada para elas. Quem não conhece as coisas em si, mas apenas suas imagens no espelho, deve tirar conclusões indiretas sobre a natureza das primeiras a partir do comportamento das últimas.

[44;64] ... há algo que de fato está para a mera percepção como a experiência em um estado de vigília está para o sonho. Esse algo é o pensar.

... O primeiro passo... só pode existir na pergunta: Qual é a relação entre o pensar e a percepção? [44;65]
... O pensar se interpõe entre a percepção e todo tipo de afirmação sobre ela.

A razão pela qual o pensamento é geralmente negligenciado na consideração das coisas é que dirigimos nossa atenção apenas para o objeto sobre o qual estamos pensando, mas não simultaneamente para o

próprio pensar. ... Deve-se perguntar a quem pensa assim: com que direito você declara o mundo como sendo completo, sem levar em consideração o pensar? Acaso o mundo não produz o pensar na cabeça humana com a mesma necessidade que a flor na planta?

[45;65] É inteiramente arbitrário para nós considerarmos a soma das coisas que experimentamos por meio da mera percepção como sendo uma totalidade, um todo, mas aquilo que é produzido por uma consideração *pensante* como algo acrescentado, que nada tem a ver com a coisa em si.

[45;66] ... Não é por causa da natureza dos objetos que eles nos são inicialmente dados sem o conceito correspondente, mas sim por causa de nosso organismo. Nosso ser total funciona de tal maneira que, no caso de cada objeto real, os elementos fluem para o nosso ser dos dois lados que importam neste caso: dos lados da *percepção* e do *pensamento*.

[46;67] O modo como estou organizado para compreendê-los não tem nada a ver com a natureza das coisas. A divisão entre percepção e pensamento está presente no momento em que eu, aquele que contempla, primeiro confronto as coisas.

... Humanos são seres limitados. ... Sua existência pertence ao espaço e ao tempo. Portanto, uma parte limitada de todo o universo é dada a eles. (...) Se nossa existência fosse tão ligada às coisas que todas as partes dos acontecimentos universais estivessem acontecendo ao mesmo tempo *para nós*, então não haveria uma distinção entre nós e as coisas. ... O cosmos seria uma unidade e uma entidade fechada sobre si mesma. ... Por causa da nossa limitação, algo nos aparece como uma singularidade, que na verdade não é uma singularidade. ... Essa separação é um ato subjetivo, condicionado pela circunstância de que não somos idênticos ao processo do mundo, mas sim um ser entre outros seres.

[46;68] ... Assim como incorporei uma única percepção do mundo externo ao contexto do mundo inteiro, também incorporo, por meio do pensamento, as percepções que faço de mim mesmo ao processo cósmico. Minha propriocepção me encerra dentro de certos limites; mas meu pensamento não tem nada a ver com esses limites. [47;68] ... Nosso pensamento não é individual como nossa sensação e sentimento. É universal.

... É uma exigência fundamental do pensamento filosófico superar esse preconceito. O conceito único e unificado de um triângulo não se torna uma multiplicidade quando é pensado por muitas pessoas. Os pensamentos dessas pessoas são, eles próprios, uma unidade.

(...) Vemos emergir em nós uma força absolutamente universal, um poder que é universal, mas não o conhecemos por fluir do centro do mundo, mas sim em um ponto da periferia. Se fosse o primeiro caso, conheceríamos todo o enigma do universo no momento em que nos tornarmos conscientes.

[46;69] ... O equilíbrio, a união dos dois elementos, o interno e o externo, deve ser fornecido pelo *conhecimento*.

[48;69] A percepção, portanto, não é nada completo, fechado, mas antes um lado da realidade total. O outro lado é o conceito. O ato de conhecer é a síntese de percepção e conceito. Apenas o conjunto formado pela percepção e pelo o conceito constitui a totalidade de alguma coisa.

Os argumentos anteriores fornecem a prova de que é um absurdo buscar nos seres individuais do mundo algo mais em comum que o conteúdo ideal que o pensamento nos fornece.

[49;71] ... Os fatos individuais avançam em seu próprio significado, e para as demais partes do mundo, quando o pensamento desenha seus fios de ser em ser. Esta atividade de pensar está *repleta de conteúdo*.

... O pensar da percepção aproxima do ser humano esse conteúdo a partir do mundo dos conceitos e ideias. Ao contrário do conteúdo perceptivo, que nos é dado de fora, o conteúdo conceitual aparece internamente. Chamemos de *intuição* a forma em que ele aparece inicialmente. A intuição está para o pensar, o que a

observação está para a percepção. Intuição e observação são as fontes de nosso conhecimento. Nós ficamos opostos a algo observado do mundo enquanto não tivermos dentro de nós a intuição correspondente, que adiciona a parte que falta da realidade na percepção.

[50;71] ... Explicar algo, torná-lo compreensível, não significa nada mais do que colocá-lo no contexto do qual foi arrancado em virtude da disposição de nosso organismo acima mencionada. [50;72] ... O que nos confronta como particulares na observação está vinculado pelo mundo interconectado e unificado de nossas intuições, peça por peça; por meio do pensamento, conectamos novamente tudo o que separamos pela percepção.

O que é enigmático sobre um objeto é resultado de sua característica de separação [*separatedness*]. No entanto, ela foi provocada por nós e pode ser superada mais uma vez.

[51;73] ... Não podemos dizer que existe algo (além do que foi imediatamente percebido) que se tornou conhecido por meio de conexões ideais entre as percepções (ou seja, aquelas reveladas pelo pensamento). Portanto, a relação entre os objetos de percepção e os sujeitos de percepção que ultrapassa o meramente percebido é meramente ideal, ou seja, exprimível apenas por meio de conceitos. ... Todas as tentativas de encontrar algo além das relações de pensamentos entre as percepções estão fadadas ao fracasso.

[52;74] ... Quanto à relação com esse algo dado, só podemos perguntar o que ele é fora da percepção, ou seja: para o pensamento. A questão sobre o 'o quê' de uma percepção, só pode, portanto, referir-se à intuição conceitual que lhe corresponde. ... A representação mental é, assim, uma percepção subjetiva, em oposição à percepção objetiva que se tem na presença de um objeto dentro do horizonte de percepção. Confundir aquela percepção subjetiva com a percepção objetiva leva ao mal-entendido do idealismo: o mundo é minha representação.

... Se soubéssemos o que temos a ganhar do mundo, seria fácil nos orientarmos de acordo com isso. Somente podemos ser ativos com plena energia quando conhecemos o objeto pertencente ao mundo, ao qual dedicamos a nossa atividade.

Adendo à nova edição de 1918

[54;76]... Somente se percebemos algo podemos escapar da confusão a que chegamos, adotando uma circunspeção crítica com referência a essa posição. Há algo no mundo, *dentro* do que podemos perceber tanto interiormente como fora de nós, que consegue escapar por completo do destino da representação mental, inserindo-se entre o evento e o observador. *Essa coisa é o pensar*. No que diz respeito ao pensar, *pode-se* adotar a postura ingênua para com a realidade.

VI

A individualidade humana

[55;77] ... Para que haja uma relação entre meu organismo e o objeto fora de mim, não é de modo algum necessário que alguma parte do objeto deslize para dentro de mim ou faça uma impressão em meu espírito, como um sinete sobre a cera. ... As forças que atuam na minha pele adentro são as mesmas que estão fora. Portanto, eu sou realmente as coisas; embora não eu como sujeito da percepção, mas sim como parte do processo universal do mundo. A percepção da árvore está junto com o meu eu [*self*] dentro do mesmo todo.

[56;78] ... Com que justificativa podemos dizer que, sem órgãos de percepção, todo o processo não estaria presente? Dada a circunstância de que um processo elétrico produz luz no olho, quem tira disso a conclusão de que aquilo que experimentamos como luz está fora de nosso organismo apenas como um

processo de movimento mecânico, está esquecendo que está apenas passando de uma percepção a outra, e não a algo fora da percepção.

... No momento em que uma percepção emerge no meu horizonte de observação, surge-me também o pensamento. Um membro no meu sistema de pensamento, uma intuição definida, um conceito se combina com a percepção. ... Uma *representação mental* nada mais é que uma intuição aplicada a uma determinada percepção, um conceito que alguma vez esteve conjugado a uma percepção, e que conservou a referência à percepção.

[56, 79] ... Assim, uma *representação mental* é um conceito individualizado. [57;79] ... Se o mesmo objeto se nos apresenta uma segunda vez, então encontramos em nosso sistema conceitual não apenas um conceito correspondente, mas sim o conceito individualizado com a referência particular ao mesmo objeto, e reconhecemos o objeto novamente.

A representação, portanto, fica entre a percepção e o conceito. É o conceito específico que aponta para a percepção.

A soma dessas coisas sobre as quais posso construir conceitos, posso chamar de minha experiência. Quem tiver um maior número de conceitos individualizados, terá a experiência mais rica.

... A realidade apresenta-se como percepção e conceito; a imagem subjetiva dessa realidade apresenta-se como representação mental.

[57;80] ... O *pensamento* é o elemento por meio do qual participamos do processo universal do cosmos; *sentimento* é aquilo por meio do qual somos capazes de nos retrair no recinto do nosso próprio ser.

Nosso pensamento nos une ao mundo; nosso sentimento nos leva de volta a nós mesmos e nos torna indivíduos.

[58;80] ... Um verdadeiro indivíduo será aquele que alcança o mais alto com seu sentimento na região das ideias.

[58;81] ... A representação mental já dá à nossa vida conceitual uma marca individual.

... Uma vida de sentimentos inteiramente vazia de pensamentos deve perder gradualmente todo contato com o mundo. O conhecimento das coisas acompanhará o desenvolvimento e a evolução da vida sentimental daquele que está disposto à totalidade.

[59;81] O sentimento é o meio pelo qual os conceitos ganham *vida* concreta.

VII

Existem limites para o conhecimento?

[60;82] Já estabelecemos que os elementos de uma explicação da realidade devem ser tirados de duas esferas: da percepção e do pensamento. Como vimos, nossa organização impõe a condição de que nossa realidade plena e total, incluindo a de nosso próprio sujeito, apareça primeiro como uma dualidade. O conhecimento supera essa dualidade ao reunir o objeto total a partir dos dois elementos da realidade: a percepção e o conceito que foi elaborado pelo pensar. ... Uma filosofia que procede desse princípio fundamental pode ser designada uma filosofia monística, ou *monismo*.

... O dualismo baseia-se em uma falsa concepção do que chamamos de conhecimento. Ele divide toda a existência em dois reinos, cada um com suas próprias leis, e permite que cada um desses reinos se oponha externamente ao outro.

Tal dualismo surgiu da distinção de Kant entre o objeto de percepção e a 'coisa em si' [*das Ding an sich*]. Kant introduziu essa distinção, que ainda não foi removida do discurso acadêmico. ... Mas se

considerarmos a soma de todas as percepções como uma parte e, em seguida, contrapormos a ela uma segunda parte nas ‘coisas em si’, estaremos filosofando no ar. Então temos que lidar com um mero jogo de conceitos.

[60;83] ... Todo tipo de existência, que está fora do reino das percepções e conceitos, deve ser relegado à esfera dos conceitos injustificados. A esta categoria pertence a ‘coisa em si’. [61;83] ... Posição e movimento são separados de fora do rico mundo de percepções. ... Então, esses pensadores ficam perplexos por não poderem desenvolver a vida concreta a partir desse princípio que se construiu sozinho, emprestado do mundo da percepção.

[61;83] ... De qualquer modo, o dualista se vê compelido a estabelecer barreiras insuperáveis à nossa capacidade cognitiva. O proponente de uma concepção de mundo monística sabe que tudo o que ele precisa para explicar um fenômeno dado a ele deve residir no próprio fenômeno. O que o impede de obter uma explicação podem ser apenas limitações temporais ou espaciais acidentais, ou deficiências de sua organização. Não deficiências da organização humana em geral, mas antes da sua própria organização individual.

[61;84] Decorre do conceito de conhecimento, tal como foi determinado, que não podemos falar em seus limites. O conhecimento não é uma função do mundo todo, mas sim um assunto sobre o qual nós, seres humanos, temos de chegar a um acordo conosco mesmo. [62;84] ... Somente quando nossa individualidade uniu, também para ela, os dois elementos da realidade, que estão inseparavelmente ligados no mundo, surge a satisfação do conhecimento. O eu mais uma vez chegou à realidade.

Os processos que dão origem ao conhecimento existem, portanto, *por meio do e para* o eu [*self*].

[62;85] ... O dualismo comete o erro de transferir a oposição de sujeito e objeto, que tem significado apenas dentro do reino da percepção, para entidades puramente imaginadas fora dele. [63;85] ... Portanto, o dualismo divide o ato de cognição em duas partes. A primeira, a criação do objeto de percepção a partir da ‘coisa-em-si’, permite *desenvolver-se fora da consciência*. A outra, a conexão da percepção com o conceito e a relação do mesmo com o objeto, permite *desenvolver-se dentro da consciência*. ... Aquilo que une as coisas, e as une objetivamente com nosso espírito individual (como ‘coisa em si’), está além da consciência em um ente em si mesmo, do qual poderíamos igualmente ter em nossa consciência apenas uma imagem conceitual.

[64;86] ... Em resumo, a pessoa ingênua exige, além do testemunho ideal do pensamento, o testemunho real dos sentidos. Nessa necessidade da pessoa ingênua está a base para o surgimento de formas primitivas de crença na revelação. Deus, que é dado pelo pensamento, permanece para a consciência ingênua sempre um Deus ‘imaginado’. A consciência ingênua exige revelação por meios que são acessíveis à percepção sensorial. Deus deve aparecer para eles em forma corporal, e eles dão pouca importância ao testemunho do pensamento. Eles querem apenas uma prova de divindade, por exemplo, por meio da transformação da água em vinho, que pode ser verificada pelos sentidos.

[64;87] ... Se o realismo ingênuo quer fundar uma ciência, ele só pode fazê-lo na *descrição* precisa do conteúdo da percepção. Os conceitos são apenas os meios para um fim. Eles existem para fornecer contrapartidas ideais para as percepções. Para as coisas em si, não significam nada.

[65;88] ... As forças imperceptíveis que procedem das coisas perceptíveis são, na verdade, hipóteses injustificadas do ponto de vista do realismo ingênuo. Devido ao fato de ele não conhecer nenhuma outra realidade, ele provê com conteúdo perceptivo as suas forças hipotéticas.

... Esta concepção de mundo contraditória leva ao realismo metafísico. Ao lado da realidade perceptiva ele constrói outra imperceptível, sobre a qual ele pensa de maneira análoga à primeira. O realismo metafísico é, necessariamente, portanto, um dualismo.

[66;89] ... O realismo metafísico é uma mescla contraditória de realismo ingênuo e de idealismo. Suas forças hipotéticas são entidades imperceptíveis com qualidades perceptíveis

[66;90] ... Queremos chamar de *monismo* a cosmovisão caracterizada acima, para a qual o realismo metafísico finalmente flui, uma vez descartados de seus elementos metafísicos. Chamamos isso assim porque unifica o realismo unilateral e o idealismo em uma unidade superior.

Para o realismo ingênuo, o mundo real é um resumo de objetos perceptíveis. Para o realismo metafísico, não apenas as percepções, mas também as forças imperceptíveis são consideradas reais. O monismo substitui as forças pelas conexões ideais que obtém por meio do pensamento. Mas essas conexões são *leis naturais*.

[67;90] ... O monismo não está em posição de procurar outros princípios de explicação da realidade além do que é percebido [*percept*] e do conceito. Ele sabe que em todo o âmbito da realidade *não há ocasião* para isso. O monismo vê no mundo da percepção algo meio real, visto que esse mundo existe diretamente antes da percepção. Na conjunção do mesmo com o mundo dos conceitos, ela encontra toda a realidade. ... A questão do limite do conhecimento surge somente para os realismos ingênuo e metafísico, pois ambos veem no conteúdo da alma apenas uma representação ideal do mundo. Para eles, o que está fora do sujeito é algo absoluto, baseado em si mesmo. O conteúdo do sujeito é uma imagem do próprio, que se encontra inteiramente fora do absoluto. A perfeição do conhecimento fundamenta-se na maior ou menor semelhança entre a imagem e o objeto absoluto.

[67;91]... Para o monismo, a questão é outra. É a organização do ser que percebe que determina a forma em que a conexão universal parece ser dividida em sujeito e objeto. O objeto não é um absoluto, mas apenas algo relativo em relação a esse sujeito específico.

[68;91] ... Um ser que foi constituído de forma diferente teria uma cognição estruturada de forma diferente. Nosso conhecimento é suficiente para responder às perguntas feitas por nosso próprio ser.

[69;92] ... A forma que o realista metafísico dá hoje em dia às suas *coisas-em-si* é aquela que foi obtida por inferências indutivas. Com base em considerações sobre o processo de cognição, o realista metafísico está convencido de que existe uma conexão objetiva-real do mundo, bem como uma conexão 'subjéctiva', conhecida por meio do que é percebido [*percept*] e do conceito.

Adendo à nova edição de 1918

[70;93] ... A experiência do ser que pensa, ou seja, a elaboração ativa do mundo dos conceitos, é algo totalmente diferente da experiência de algo perceptível aos sentidos. Quaisquer que sejam os sentidos que o ser humano poderia ter, nenhum poderia dar-lhe uma realidade se ele não permeasse a sua percepção com conceitos, mediante seu pensamento. [70;94] ... Devemos perceber que *cada* imagem perceptual recebe sua forma da organização do ser que percebe, mas que a imagem perceptual que foi permeada pela contemplação pensante e vivenciada nos conduz, como seres humanos, à realidade. [70;94] ... Essa inspiração [*insight*] está casada com a outra: o pensamento leva àquela parte da realidade que está oculta pela própria percepção. ... A primeira coisa que devemos lembrar é que tudo o que é elaborado pela física, na medida em que não representa hipóteses injustificadas, que deveriam ser excluídas, é conquistado por percepções e conceitos. ... O *aprofundamento* do conhecimento depende das forças da intuição que vivem no pensar. Na *experiência* que se forma no pensar, essa intuição pode mergulhar em profundezas mais ou menos profundas da realidade. Por meio da expansão da imagem perceptual, o mesmo mergulho pode receber estímulo e ser estimulado indiretamente dessa maneira. [71;95] ... Vemos pelo argumento anterior, mas ainda mais pelo que está por vir, que aqui tudo que se aproxima de nós em forma sensorial e *espiritual* deve ser apreendido como percepção, antes de ser assumido como um conceito ativamente elaborado. Não é necessário ter sentidos do tipo normal para desfrutar de percepções de natureza psíquica ou espiritual.

A realidade da Liberdade

VIII

Os fatores da vida

[75;99] ... Aquilo que foi obtido por meio da autoconsciência é idealmente determinado como todas as outras percepções, e é colocado em oposição a objetos como o sujeito ou 'eu' [*self*]. Esse algo é o pensamento, e os determinantes ideativos são conceitos e ideias. O pensamento expressa-se inicialmente na percepção da identidade própria [*self*]; no entanto, não é meramente subjetivo, pois o 'eu' [*self*] designa-se como sujeito apenas com a ajuda do pensamento.

[75;100] ... Como vimos, não relacionamos a percepção idealmente com nós mesmos apenas por meio de conceitos, mas também por meio do sentimento. [76;100] ... Inicialmente, o sentimento está no lado subjetivo precisamente da mesma forma que a percepção está no lado objetivo. ... Se é para o sentimento representar a realidade perfeita, o monismo aqui pretendido deve, no entanto, conceder ao sentimento o mesmo complemento que considera necessário para a percepção. Para esse monismo, o sentimento é algo real, mas incompleto. Na primeira forma em que nos é dado, ainda não contém seu segundo fator, o conceito ou a ideia. É por isso que, na vida, em toda parte, o sentimento, assim como a percepção, surgem *antes* do conhecimento. Sentimos que primeiro existimos; no curso do desenvolvimento gradual, lutamos até o ponto em que, na escuridão de sentirmos nossa própria existência, começa a despontar em nós o conceito de nosso eu [*self*]. ... Por essa circunstância o ingênuo chega à crença de que no sentimento a existência se apresenta de forma direta, mas no conhecimento ela se apresenta apenas indiretamente.

[76;101] ... A direção assim caracterizada, a filosofia do sentimento, é frequentemente designada como *misticismo*. O erro de um ponto de vista construído apenas sobre o sentimento é querer *vivenciar* o que deveria querer conhecer. Quer elevar algo individual, um sentimento, a algo universal.

No querer, também temos uma percepção diante de nós, a saber, a da referência individual de nosso eu [*self*] ao objetivo. O que não é um fator puramente ideativo no querer, é igualmente apenas o objeto de percepção, assim como é o caso com qualquer outra coisa no mundo externo.

[77;101] ... Tão pouco quanto o misticismo do sentimento pode ser chamado de ciência, a filosofia da vontade também não pode. Pois ambos afirmam que são incapazes de chegar a um acordo sobre uma penetração conceitual do mundo. Ambos exigem, além de um princípio ideal de existência, um princípio real. [77;102] ... Além de um princípio ideal atingível por meio do conhecimento, também se supõe que haja um princípio real compreensível do mundo, que pode ser experimentado mesmo que não seja apreendido pelo pensar. Em outras palavras: o misticismo do sentimento e a filosofia da vontade são realismos ingênuos, porque honram a máxima: o que se percebe diretamente é real.

[78;102] ... A filosofia da vontade torna-se realismo metafísico quando transpõe a vontade para *aquelas* esferas da existência nas quais uma experiência direta da mesma não é possível ser o nosso próprio sujeito. Ela assume um princípio fora do sujeito hipoteticamente, para o qual a experiência subjetiva constitui o único critério de realidade.

Adendo à nova edição de 1918

A razão pela qual é difícil compreender o pensar em sua essência por meio da observação é que a essência da alma que observa escapa facilmente quando a alma deseja dirigir a atenção para ele. Resta para a alma apenas a abstração morta, o cadáver do pensar vivo. Se olharmos apenas para essa abstração, então facilmente nos sentiremos compelidos, quando confrontados com ela, a entrar no elemento ‘vital’ do sentimento místico, ou a assumir a metafísica da vontade. Iremos achar estranho se alguém desejar compreender a essência da realidade em ‘meros pensamentos’. Mas se pudermos nos levar a um ponto em que possamos realmente ter *vida no pensar*, alcançamos uma inspiração [*insight*] da riqueza interior e da *vivência*, repousando e, ao mesmo tempo, movendo-se em si mesma, dentro dessa vida. O tecer do mero sentimento ou a visão do elemento da vontade não podem ser nem remotamente comparados a elas, muito menos colocados acima delas. [78;103] ... Nessa experiência posterior, o pensar nos deixa frios com muita facilidade. Parece secar a alma. Mas isso ocorre apenas na sombra forte de sua realidade cheia de luz, que mergulha calorosamente nos fenômenos do mundo. Esse mergulho ocorre com um poder fluindo para a frente na atividade de pensar, que é o poder do amor em uma forma espiritual

IX

A ideia de liberdade

[80;104] Para o conhecimento, o conceito de árvore é determinado por meio da percepção dela. Confrontado com uma percepção específica, só posso chegar a um conceito muito específico em relação ao sistema conceitual geral. A conexão entre conceito e o que é percebido [*percept*] é determinada pensando-se sobre a percepção indireta e objetivamente. A conexão da percepção com o seu conceito é reconhecida após o ato da percepção; o fato de eles pertencerem um ao outro é determinado no próprio objeto.

O processo parece diferente se for considerado o ato de cognição e a relação entre nós, seres humanos, e o mundo que surge dentro desse ato. ... Uma compreensão adequada dessa observação leva à inspiração [*insight*] de que pode ser imediatamente intuído que o pensar é um processo autocontido. ... Quem observa o pensamento, vive durante essa observação diretamente em um ser espiritual, tecedor, que se autossustenta. Com efeito, podemos dizer que quem quer apreender o espírito na forma em que ele *primeiro* se apresenta ao ser humano, pode fazê-lo no pensar que se autossustenta.

... Mas quem compreende o que se apresenta no pensamento perceberá que na percepção apenas uma parte da realidade está presente e que a outra parte que pertence a ela, que primeiro permite que ela se torne realidade, é *vivenciada* quando a percepção é impregnada pelo pensamento. Naquilo que surge como pensamento na consciência, ele não verá uma pós-imagem sombria da realidade, mas sim uma essência espiritual que se sustenta por si mesma. Ele pode dizer que isso se torna presente para ele na *intuição*. A *intuição* é a experiência consciente, fluindo em espírito puro, de um conteúdo puramente espiritual. A essência do pensamento pode ser compreendida somente por meio de uma intuição.

[81;105] ... a organização física e psíquica humana ... não pode ter efeito sobre o *ser* do pensamento. ... Essa [organização humana] não tem efeito sobre a essência do pensamento; pelo contrário, ela retira-se quando a atividade de pensar se manifesta. Ela cessa a sua própria atividade, cria um espaço livre e, no espaço que foi libertado, surge o pensamento. ... a supressão da organização corporal é a consequência da atividade de pensar. De fato, é essa sua parte que prepara o *surgimento* do pensamento. ... Passando por solo macio, nossos passos afundam na terra. Não seremos tentados a dizer que as formas das pegadas foram produzidas pelas forças da terra, de baixo para cima.

[81;106] ... Se a organização humana não participa do *ser* do pensar, qual é o significado dessa organização na totalidade do ser do ser humano? Pois bem, o que ocorre nessa organização por meio do pensamento, na verdade, nada tem a ver com o ser do pensamento. Mas tem muito a ver com a origem da autoconsciência a partir desse pensamento. Dentro de sua própria vivência de pensar reside, de fato, o 'eu' [*self*], mas não a autoconsciência. ... O 'eu' deve ser encontrado no pensamento; a 'autoconsciência' [*self-consciousness*] surge quando os traços da atividade pensante afloram na consciência geral no sentido acima mencionado.

[82;106]... A 'autoconsciência' tem com base o organismo humano e dessa organização fluem as ações da vontade.

... Para o ato de vontade individual, entram em consideração o motivo e o impulso. O motivo é um fator que é da natureza de um conceito ou de uma representação mental; o impulso é o fator diretamente condicionado da vontade na organização humana. [82;107] ... Queremos chamar essa constituição individual – e nesse sentido podemos seguir Eduard von Hartmann – de 'disposição caracterológica'. A maneira como o conceito e a representação atuam sobre a disposição caracterológica do ser humano confere à sua vida um certo cunho moral ou ético.

A disposição caracterológica é formada a partir do conteúdo de vida de nosso sujeito, que permanece mais ou menos de maneira permanente – ou seja, por meio do conteúdo de nossa representação mental e sentimento. [83;107] ... Meu conteúdo representacional é condicionado, por sua vez, pela soma daqueles conceitos que entram em contato com as percepções no curso de minha vida individual, ou seja, tornaram-se representações mentais. Isso depende, por sua vez, de minha maior ou menor capacidade de intuição e da circunferência das observações ... Minha disposição caracterológica é especialmente determinada por minha vida de sentimentos.

... Assim, temos que distinguir: 1. As possíveis disposições subjetivas que são adequadas para transformar representações e conceitos específicos em motivos; e 2. As possíveis representações e conceitos que são capazes de influenciar minha disposição caracterológica de tal forma que produza uma vontade. Os primeiros representam os *impulsos*, os segundos representam os *objetivos* da moralidade.

[83;108]... Sem pensar mais, e sem a percepção estar ligada a um certo sentimento em nós, permitimos que a percepção de algum acontecimento particular no mundo exterior seja seguida por uma ação, como acontece especialmente nas relações convencionais com outros seres humanos. Os impulsos dessa ação são o que chamamos de *tato* ou *gosto moral*. Quanto mais frequentemente uma percepção ocasionar imediatamente tal ação, mais adequada tal pessoa se mostrará para agir apenas sob a influência do tato. Ou seja: o *tato* passa a ser sua disposição caracterológica.

[84;109] ... Essas representações pairam sobre tais pessoas como padrões determinantes para todas as decisões posteriores; as primeiras tornam-se membros de sua disposição caracterológica. Podemos denominar os impulsos da vontade assim caracterizadas de *experiência prática*. A experiência prática gradualmente transforma-se em atividades puramente devidas ao tato [*tactful activity*].

... O estágio mais elevado da vida individual é o pensamento conceitual sem levar em consideração um conteúdo específico de percepção. Determinamos o conteúdo de um conceito por pura intuição a partir da esfera ideal. ... Quando agimos sob a influência de intuições, então o impulso para a nossa ação é o *pensar puro*. Visto que é costume na filosofia chamar de razão a faculdade pura de pensar, então estamos bem justificados em chamar de *razão prática* os impulsos morais caracterizados nesse nível. ... Kreyenbühl designa as fontes que estamos discutindo como o *a priori prático* – isto é, o estímulo para a ação que flui imediatamente da minha intuição.

É claro que tal estímulo não pode, estritamente falando, ser reconhecido como parte do âmbito da disposição caracterológica. Pois aquilo que está atuando aqui como impulso não é mais algo meramente individual em mim, mas sim o ideal e, portanto, o conteúdo universal da minha intuição.

[85;110] ... No entanto, o prazer em si não pode se tornar um motivo, mas apenas um *prazer imaginado*. O que pode afetar minha disposição caracterológica é a *representação mental* de um sentimento futuro, mas não o sentimento em si.

... A *representação mental* do nosso bem-estar ou de outrem é, porém, corretamente vista como um motivo da vontade.

[86;110] ... Um outro motivo é então o conteúdo puramente conceitual de uma ação. ... Esses princípios morais podem governar a vida moral na forma de conceitos abstratos, sem que o indivíduo se preocupe com a origem dos conceitos. Então, simplesmente experimentamos a sujeição sob a ideia moral, que paira acima de nossa ação como um mandamento, como uma necessidade moral.

[86;111]... Um progresso moral é representado quando não fazemos simplesmente o mandamento de uma autoridade interna ou externa o motivo de nossa ação, mas, em vez disso, nos esforçamos para ver a razão pela qual qualquer tipo de motivo para uma ação deve funcionar em nós como um motivo. Essa progressão vai da moralidade autoritária até a ação baseada na inspiração [*insight*] moral. Nesse estágio da moralidade, devemos buscar as exigências da vida moral e deixar que o conhecimento delas determine nossas ações. Tais requisitos são: 1. O maior bem possível de toda a humanidade, puramente por causa desse bem; 2. O progresso cultural ou o *desenvolvimento* moral da humanidade em busca de uma perfeição cada vez maior; 3. A realização de fins individuais de moralidade concebidos de forma puramente intuitiva.

[87;11] ... O princípio mais elevado da moralidade é aquele ... que brota da fonte da intuição pura e só depois busca a relação com a percepção (com a vida).

[87;112] ... Dentre as etapas da disposição caracterológica caracterizamos como a mais elevada aquela que funciona como *pensamento puro*, como *razão prática*. Entre os motivos, designamos o mais elevado como *intuição conceitual*. Em uma consideração mais detalhada, também é revelado que, nesse estágio da moralidade, o impulso e o motivo coincidem. Ou seja, não têm efeito sobre nossa ação nem uma disposição caracterológica previamente determinada, nem um princípio moral externo, assumido como sendo normativo. Assim, a ação não é estereotipada, realizada de acordo com regras; também não é do tipo que completamos ao receber um empurrão externo, como um autômato. Ao contrário, é aquela que é absolutamente determinada por seu conteúdo ideal.

Tais ações pressupõem a capacidade de formar intuições morais.

... O oposto preciso do princípio da moralidade é o de Kant: Aja de tal forma que os princípios de sua ação sejam válidos para todas as pessoas. Este princípio é a morte de todos os impulsos individuais para a ação. Não é a forma como todos agiriam que deve ser determinante para mim, mas sim o que devo fazer em cada caso individual.

[88;113] ... Os seres humanos variam em sua capacidade de intuição. ... Como agimos depende, portanto, da maneira como nossa capacidade de intuição reage a uma situação específica. A soma das ideias que atuam dentro de nós, o conteúdo real de nossas intuições, é o que torna cada um de nós diferente, apesar da universalidade do mundo das ideias. Na medida em que esse conteúdo intuitivo é aplicado à ação, ele constitui o conteúdo moral do indivíduo. Permitir que esse conteúdo adquira vida é o mais alto impulso moral e, ao mesmo tempo, o mais alto motivo para aquele que tem a inspiração [*insight*] de que todos os outros princípios morais são, no final, unificados nesse conteúdo. Esse ponto de vista pode ser chamado de *individualismo ético*.

O que é decisivo em uma ação determinada intuitivamente numa instância concreta é a descoberta da intuição inteiramente individual correspondente. Nesse nível de moralidade, podemos falar de conceitos morais universais (normas, leis) apenas na medida em que estes resultam da generalização dos estímulos

individuais para a ação. As normas universais sempre pressupõem fatos concretos, dos quais podem ser deduzidos. Mas é por meio da atividade humana que os fatos são *criados* primeiramente.

[89;113] Se buscarmos o lícito [*lawful*] (ou seja, o conceitual subjacente às ações de indivíduos, povos e épocas), chegaremos a uma ética. Essa ética, entretanto, não é a ciência das normas morais, mas sim uma história natural da moralidade. ... Enquanto atuo, é o princípio moral que me move, na medida em que pode viver intuitivamente em mim. Está ligado ao *amor* pelo objeto que quero realizar por meio de minha ação. Não pergunto a ninguém e a nenhuma regra se devo realizar esse objetivo. Em vez disso, eu o realizo assim que captei a ideia. Só assim isso é *minha* ação. Quando agimos apenas porque reconhecemos normas morais específicas, estamos agindo de acordo com os princípios constantes de nosso código moral. Somos apenas os executores. Somos autômatos superiores. (...) Só quando sigo meu amor pelo objeto sou eu mesmo que atuo. ... Não me guia diretamente o costume universal, nem a moral universal, nem o princípio geralmente humano, nem uma norma moral, mas sim o meu amor pela ação.

[90;114] ... Os seres humanos alcançam tais fins na medida em que têm a capacidade de se elevar ao conteúdo ideal intuitivo do mundo. Na maior parte da vontade individual, algo diferente de impulso ou motivo será mesclado a tais fins. Mas o intuitivo pode ser determinante ou codeterminativo na vontade humana. [90;115] ... O que é individual em mim não é meu organismo com seus impulsos e sentimentos, mas sim o mundo uno de ideias que resplandece dentro de meu organismo. Meus impulsos, instintos e paixões não provam nada sobre mim além de que pertencço à espécie *humana*; o que fundamenta a minha individualidade é algo ideal que se manifesta de maneira particular dentro desses impulsos, paixões e sentimentos.

[91;115] ... Uma ação é sentida como livre na medida em que sua causa procede da parte ideativa de meu ser individual. Qualquer outra parte de uma ação, independentemente de proceder da compulsão da natureza ou das exigências de uma norma moral, são consideradas *não livres*.

[91;116] ... O próprio conceito de dever exclui a *liberdade*, porque não quer reconhecer o indivíduo, mas exige a submissão deste último a uma norma universal. A liberdade de ação só pode ser pensada do ponto de vista do individualismo ético.

Como é possível vivermos juntos se cada um está apenas tentando fazer valer sua individualidade? ... Tal moralismo falha em compreender a unidade do mundo das ideias. Não compreende que o mundo das ideias que atua em mim não é diferente do mundo de meus semelhantes. ... A diferença entre mim e outras pessoa não está em absoluto no fato de que vivemos em dois mundos espirituais diferentes, mas sim em que, do mundo das ideias comuns a nós dois, meus semelhantes recebem outras intuições que as minhas. Eles querem viver de acordo com *suas* intuições, enquanto eu quero viver de acordo com as *minhas*. Se todos nós realmente nos basearmos na mesma ideia e não seguirmos nenhum outro estímulo (físico ou espiritual) para a ação, então só podemos nos encontrar no mesmo empenho, na mesma intenção. [92;116] ... O princípio fundamental do indivíduo livre é: *viver* no amor pela ação e *deixar viver* em compreensão pela vontade do outro. Não conhecemos outra *obrigação* senão aquela que estabelece uma harmonia intuitiva com nossas vontades; como iremos *querer* em um caso particular será ditado por nossa capacidade de captar ideias.

... Somente porque os indivíduos humanos comungam *um só espírito*, eles podem viver lado a lado.

[92;117] ... Muitos dirão: o conceito de indivíduo *livre* que você esboçou é uma quimera; não pode ser encontrado em nenhum lugar da vida real. Temos que lidar com seres humanos reais e, com eles, só podemos esperar moralidade se obedecerem a uma lei moral, quando assumirem que sua missão moral é o dever, e não seguirem suas inclinações e seus amores. Não tenho a menor dúvida. Só um cego poderia tê-la. Mas então acabe-se com toda a hipocrisia sobre a moralidade, se esta é a nossa *última* visão [*insight*]. Então diga simplesmente: a natureza humana deve ser *forçada* a realizar certas ações, desde que não seja *livre*. ... Mas da ordem compulsória surgem os seres humanos, os *espíritos livres*, que se encontram *eles*

mesmos na confusão da moralidade, na compulsão das leis, na prática da religião etc. Eles *são livres*, na medida em que seguem apenas a si mesmos; *não são livres*, na medida em que se submetem. Quem de nós pode dizer que é verdadeiramente livre em todas as suas ações? Mas em cada um de nós reside uma entidade mais profunda, a partir da qual o homem livre se expressa.

Nossas vidas consistem em ações que são livres e não livres. Mas não podemos pensar o conceito de ser humano até o fim sem chegar ao conceito de *espírito livre* como a expressão mais pura da natureza humana. Somos verdadeiramente humanos apenas na medida em que somos livres.

[93;117] Muitas pessoas dirão que esse é um ideal. Sem dúvida, mas é um ideal que está aflorando como um elemento real para a superfície de nosso ser. ... [93;118] Devemos ativamente unir nosso conceito de humano com o que é percebido [*percept*] do humano. O que é percebido e conceito coincidem apenas se o ser humano os fizer coincidir. Mas só podemos fazer isso se tivermos encontrado o conceito de espírito livre – isto é, o conceito de nós mesmos. ... Assim, a vida intelectual e moral humana conduz à nossa dupla natureza: percepção (experiência imediata) e pensamento. A vida intelectual supera a dupla natureza por meio do conhecimento; vida moral, por meio da realização real do espírito livre. ... Na própria natureza humana, o conceito e a o que é percebido são inicialmente *realmente* divorciados, para que possam novamente se tornar *realmente* unidos por nós.

[94;119] ... A natureza faz de nós humanos seres meramente naturais; a sociedade faz de nós pessoas que agem legalmente. Mas um ser *livre* uma pessoa só pode fazer de *si mesma*. Em um determinado estágio de desenvolvimento, a natureza liberta a humanidade de seus grilhões; a sociedade nos leva esse desenvolvimento a um ponto mais adiante; os últimos retoques a humanidade só pode dar a si mesma.

Assim, o ponto de vista da moralidade livre não sustenta que o espírito livre é a única forma na qual um ser humano pode existir. Ela só vê na espiritualidade livre o último estágio de desenvolvimento do ser humano. ... O espírito livre, entretanto, supera as normas no sentido de que não apenas sente os mandamentos como motivos, mas orienta sua ação de acordo com seus impulsos (intuições).

... Pois as leis do estado surgiram inteiramente das intuições dos espíritos livres, como também todas as outras leis morais objetivas.

[95;119] ... Não devemos cunhar a frase de que o ser humano existe para realizar uma ordem moral separada dele. [95;120] ... Mas assim como os chifres não estão lá *para que* a chifrada possa acontecer, mas sim a chifrada é possibilitada *pelos chifres*, a humanidade não está aí por uma questão de moralidade, mas sim, a moralidade é possibilitada *por meio dos seres humanos*. Os seres humanos livres agem moralmente porque temos uma ideia moral. Mas não agimos para que a moralidade possa surgir. Os indivíduos humanos com suas ideias morais são as pressuposições da ordem moral mundial.

O indivíduo humano é a fonte de toda moralidade e o ponto médio da vida terrena. O estado e a sociedade só existem porque são a consequência necessária da vida individual. ... A ordem social é formada precisamente para ter, de volta, uma ação favorável sobre o indivíduo.

X

A filosofia da liberdade e do monismo

[98;123] ... Tanto o realismo ingênuo quanto o metafísico devem logicamente negar a liberdade por uma e mesma razão: porque eles veem no ser humano apenas o executor de princípios que foram necessariamente impostos a ele. O realismo ingênuo mata a liberdade ao submetê-la à autoridade de um ser perceptível, ou de alguém constituído por analogia a um ser perceptível. Ou, no final, submetendo-o à voz interior abstrata, que entende por ‘consciência’. A pessoa metafísica, que só pode deduzir o extra-humano, não pode reconhecer a liberdade porque tais pensadores permitem que o ser humano seja determinado mecânica ou moralmente por um ‘ser-em-si’.

... Quem é incapaz de invocar ideais morais por meio da intuição, deve recebê-las de outras pessoas. Na medida em que os humanos recebem seus princípios morais de fora, na verdade não são livres. Mas o monismo atribui igual significância à ideia e ao que é percebido [*percept*]. ... De acordo com a visão monística, os seres humanos não podem agir livremente quando seguem uma compulsão externa perceptível; eles são capazes de agir livremente apenas quando obedecem a si mesmos.

[98;124] ... De acordo com a visão monística, os seres humanos agem em parte não livremente e em parte livremente. Eles se consideram não livres no mundo das percepções e percebem em si mesmos o espírito *livre*.

[99;124] ... Cada um de nós é chamado a se tornar um *espírito livre*, assim como cada botão de rosa é destinado a se tornar uma rosa.

Assim, o monismo está dentro do âmbito da ação moral verdadeira, uma *filosofia de liberdade*. Por ser uma filosofia da realidade, ele descarta as limitações metafísicas e irrealis do espírito livre, ao mesmo tempo que reconhece o físico e o histórico (ingênuo-real) do ser humano ingênuo. Por não enxergar o ser humano como um produto acabado que se desenvolve sua plenitude a cada minuto de vida, o debate se o ser humano *é livre ou não* lhe parece totalmente sem sentido. Ele vê os humanos como seres em desenvolvimento e pergunta se nesse caminho de desenvolvimento o estágio do espírito livre pode ser alcançado.

[99;125] ... O monismo liberta, de um modo geral, a concepção de mundo verdadeiramente moral dos grilhões internos dos princípios ingênuos de moralidade e dos princípios externos de moralidade dos metafísicos especulativos. [100;125] ... Para o proponente do monismo, a moralidade é uma qualidade especificamente humana, e a *liberdade* é a forma humana de ser moral.

Adendo à nova edição de 1918

[100;126] ... Para aqueles que têm a inspiração (*insight*) de como as ideias são intuitivamente *vivenciadas* como uma substância autossustentável, fica claro que, no ato de *conhecer*, os seres humanos vivem em algo que é idêntico para todos os seres humanos no círculo do mundo das ideias. No entanto, quando tomamos emprestadas as intuições para nossos atos de vontade desse mundo de ideias, individualizamos um membro do mundo das ideias *por meio da mesma atividade* que desenvolvemos como universalmente humana no processo espiritual-ideativo de conhecimento. O que parece ser uma contradição lógica, a universalidade das ideias de conhecimento e a individualidade dos ideais de moralidade, torna-se um conceito vivo quando visto em sua realidade.

XI

A finalidade do mundo e o propósito da vida (A vocação do ser humano)

[102;128] ... A *finalidade* é um tipo específico de sequência de fenômenos. A finalidade é realmente verdadeiramente real quando, ao contrário da relação de causa e efeito, na qual o evento anterior determina um posterior, o evento seguinte tem um efeito sobre um anterior. Inicialmente, vemos isso apenas nas ações humanas. O ser humano completa uma ação que anteriormente representou mentalmente, e permite que essa representação determine sua ação. Aquilo que vem depois, a ação, atua com a ajuda da representação mental sobre o que é anterior, o ser humano atuante. Esse desvio pela representação, entretanto, é inteiramente necessário no contexto da finalidade.

... A influência perceptível de um conceito sobre outro, entretanto, é algo que observamos apenas nas ações humanas. Só aqui é aplicável o conceito de finalidade.

[103;129] ... O monismo rejeita o conceito de finalidade em todos os âmbitos, com a única exceção da atividade humana. Ele busca leis naturais, mas não finalidades naturais.

(...) Só é intencional o que os seres humanos criaram, pois é somente por meio da realização de uma ideia que surge a intencionalidade. A ideia é eficaz apenas em um sentido realista, e somente no ser humano. Assim, a vida humana tem apenas o propósito e a vocação que os humanos lhe dão. À pergunta: Qual é a nossa tarefa humana na vida? O monismo só pode responder: Aquilo que estabelecemos. Minha vocação no mundo não é nada previamente determinada mas, de fato, é aquela que eu escolho para mim. Não começo meu curso de vida com comandos fixos de marcha.

[105;131] ... É parte essencial de uma finalidade que a causa efetiva seja um conceito, ou seja, o de efeito. Na natureza, entretanto, os conceitos nunca podem ser mostrados como sendo efeitos; o conceito parece ser apenas a conexão ideal entre causa e efeito. As causas na natureza estão presentes apenas na forma de percepções.

O dualismo é capaz de dicorrer sobre propósitos universais e naturais. Onde, para nossa percepção, expressa-se uma associação legítima de causa e efeito, o dualista pode presumir que vemos apenas uma pobre imitação de uma conexão na qual o ser cósmico absoluto realizou seus propósitos. Para o monismo, desaparece o mundo cósmico que absolutamente não pode ser experimentado, mas apenas hipoteticamente tateado, e com ele desaparece o terreno para a suposição de propósitos universais e naturais.

XII

Fantasia moral (*Darwinismo e Moralidade*)

[107;133] O *espírito livre* age de acordo com seus impulsos, que são intuições escolhidas pelo pensar, dentre todo o seu mundo de ideias. Para o espírito *não livre*, a razão pela qual uma determinada intuição é destacada do mundo das ideias, para torná-la a base de uma ação, está no mundo perceptível que lhe é dado, isto é, em suas vivências anteriores. ... Para o espírito livre, essas ideias preconcebidas não são os únicos incentivos à ação. O espírito livre toma uma decisão absolutamente *original*.

[107;134]... Assim que o estímulo a uma ação estiver presente de forma universal e conceitual (por exemplo: “Deves ser bom para os teus semelhantes!” e “Deves viver de forma a promover o teu bem-estar da melhor forma possível!”), então deve ser encontrada em cada caso individual a representação concreta da ação (a referência de um conceito a um conteúdo perceptível). Com o *espírito livre*, que não é movido por nenhum exemplo, nem por medo de punição etc., essa conversão do conceito em representação é sempre necessária.

Os seres humanos produzem representações a partir da soma de suas ideias, antes de mais nada, por meio da fantasia. Assim, o que os espíritos livres requerem para realizar suas ideias, para se afirmarem, é *fantasia moral* [*moral imagination*]. Esta é a fonte das ações do espírito livre. Por essa razão, apenas seres humanos com fantasia moral são realmente moralmente produtivos.

... A ação moral pressupõe, portanto, além da capacidade de ter ideias morais e fantasia moral, a capacidade de transformar o mundo da percepção sem quebrar o contexto da lei natural. Essa capacidade é a da *técnica moral*. Em princípio, ela pode ser aprendida, assim como qualquer ciência.

[108;135]... Na medida em que o conhecimento dos objetos na esfera da atividade é necessário para a ação moral, nossa ação repousa sobre tal conhecimento. O que entra em consideração aqui são as *leis naturais*. Temos que lidar com ciência, não com ética.

A fantasia moral e a capacidade de apreender ideias morais podem tornar-se objeto de conhecimento somente *após* terem sido produzidas pelo indivíduo. Então elas não regulam a vida; em vez disso, elas já a regularam. Devem ser consideradas como sendo causas eficazes como qualquer outra. (Elas são finalidades meramente para o sujeito.) Nós nos ocupamos com elas como com *uma ciência natural das representações morais*.

Ao lado de tal ciência, não pode haver uma ética como ciência normativa.

... No processo evolutivo da ordem moral mundial, ordenamos aquilo que a própria natureza ordena em um nível inferior: alteramos algo perceptível. Assim, a norma ética não pode ser inicialmente *conhecida* como uma lei natural; em vez disso, ela deve ser criada.

[110;137] ... Assim, o individualismo ético não se opõe a uma teoria da evolução devidamente compreendida, mas decorre diretamente dela. ... Entretanto, em nenhum caso, seríamos capazes de derivar a essência de uma espécie seguinte da essência de uma anterior.

... O surgimento de ideias morais inteiramente novas a partir da fantasia moral não é mais surpreendente do que seria uma nova espécie animal proveniente de outra.

[111,138] ... O individualismo ético é, portanto, o coroamento do edifício erigido por *Darwin e Haeckel* para a ciência natural. É uma teoria da evolução espiritualizada aplicada à vida moral.

... O individualismo ético nada tem a temer da ciência que entende a si própria da seguinte forma: a observação leva à *liberdade* como característica da forma perfeita de ação humana. Essa liberdade deve ser atribuída à vontade humana, na medida em que realiza intuições puramente mentais. Pois estas não são o resultado de uma necessidade que atua sobre elas de fora, mas sim algo que é fundamentado em mesmo. Se descobrirmos que um ato é a *imagem* de tal intuição ideal, então o sentimos como sendo *livre*. Nessa característica de um ato encontra-se a *liberdade*.

... Ser livre significa determinar a partir de nós mesmos, por meio da fantasia moral, as representações (motivos) em que a ação se baseia. [112;139] ... Portanto, sou livre apenas quando *eu mesmo* produzo essas representações, e não quando posso realizar os motivos que outro ser colocou em mim. Um ser livre é aquele que pode *querer* o que considera ser certo.

Adendo à nova edição de 1918

[113;140] ... É de especial significado que a justificativa de designar uma vontade como livre seja alcançada por meio da experiência: na vontade, uma intuição individual realiza a si própria. Isso *pode* ser apenas o resultado de uma intuição, mas o *é* em um sentido específico: quando a vontade humana se observa a si mesma dentro de uma corrente evolutiva cujo objetivo é atingir uma tal possibilidade de querer, suportada por uma intuição puramente mental. Isso pode ser alcançado porque na intuição mental nada está em ação além de sua própria essência, baseada em si mesma.

XIII

O valor da vida (Pessimismo e otimismo)

[114;141] ... Um ponto de vista diz: O mundo é o melhor concebível e é um bem de valor incalculável viver e agir nele. Tudo se oferece como uma colaboração harmoniosa e proposital, e é digno de admiração. Até mesmo o que parece mau e ruim pode ser reconhecido como um bem de um ponto de vista superior.

... O outro ponto de vista é aquele que sustenta: a vida é cheia de tormento e preocupação, o desprazer em todos os lugares supera o prazer, a dor supera a alegria. A existência é um fardo, e a inexistência seria preferível à existência em todas as circunstâncias.

... *Leibniz* é de opinião que o mundo é o melhor que pode ser. Um mundo melhor é impossível.

[114;142] ... *Schopenhauer* imaginou o assunto de forma diferente. Ele não imagina que a base do mundo seja um ser onisciente e onibenevolente, mas sim uma compulsão ou vontade cega. A característica fundamental de toda vontade é o esforço eterno, o desejo incessante de satisfação que nunca pode ser satisfeita. [115;142] ... O pessimismo Schopenhaueriano leva a uma inação; seu objetivo moral é uma *indolência universal*.

... Hartmann procura, de acordo com uma tendência favorita de nossos dias, fundamentar sua concepção de mundo na *experiência*. (...) Uma avaliação sóbria descobre que todo gozo traz ao mundo muito mais mal e miséria do que prazer. *O mal-estar da ressaca é sempre maior do que o prazer de se embriagar*. O desprazer supera em muito no mundo o prazer. ... Entretanto, um ser onisciente pode ver seu objetivo apenas como a libertação do sofrimento e, visto que toda existência é sofrimento, libertação da existência. O propósito da criação é conduzir a existência a uma não-existência muito preferível.

... Mas como é basear-se na experiência?

[116;144] ... Se o desejo, como tal, trouxesse desprazer, então cada supressão do desejo deve ser acompanhado de prazer. Mas o contrário é o caso. A falta de aspiração em nossas vidas gera tédio, e o tédio está associado ao desprazer.

[117;144] ... Na verdade, exatamente o oposto é verdadeiro. A aspiração (desejo) por si só nos torna alegres. Quem não conhece a alegria que gera a esperança por um objetivo remoto, mas fortemente desejado?

... Tanto o prazer quanto o desprazer podem surgir dentro de um ser sem que sejam consequência de um desejo. Uma doença é um desprazer que não é precedido de desejo. [117;145] ... Quando alguém recebe uma grande herança de um parente rico, de cuja existência ele não tinha a menor ideia, esse fato lhe dá prazer sem desejo prévio.

[121;148] ... Não é no conceito por si só, mas na interpenetração de conceito e do que é percebido [*percept*] (e o sentimento é uma percepção) mediada pelo pensamento, o real torna-se acessível a nós, seres humanos. Afinal, o empresário só desistirá de seu negócio quando o prejuízo apurado por seu contador for comprovado pelos fatos. Se não for esse o caso, ele pedirá ao contador para refazer os cálculos. É exatamente o mesmo com o ser humano que está na vida.

[121;149] ... O número de suicídios é pequeno em relação ao número daqueles que continuam vivendo corajosamente. Muito poucas pessoas param o negócio da vida por causa do descontentamento. O que se segue disso? Ou é incorreto dizer que a quantidade de desprazer é maior que a quantidade de prazer, ou que não subordinamos a continuidade da vida à medida sentida de prazer ou desprazer.

[129;158] ... A moralidade reside no esforço por uma meta reconhecida como justa. Seguir essa busca está dentro da natureza humana, desde que um desprazer ligado a ela não impeça essa aspiração. Essa é a natureza de todo verdadeiro querer. A ética não se baseia na erradicação de toda busca pelo prazer, de modo que ideias anêmicas e abstratas possam exercer seu domínio onde nenhum forte anseio pelos prazeres da vida as contraria. Em vez disso, a ética repousa sobre uma *forte vontade*, sustentada por intuições ideais, que atinge seu objetivo mesmo que o caminho para ele seja espinhoso.

Os ideais morais surgem da imaginação moral humana. Sua realização depende de serem desejados pelos seres humanos com força suficiente para superar dores e sofrimentos. As molas propulsoras que o espírito concebe são *suas* intuições. Ele os *quer* [os ideais morais], porque sua realização é seu maior prazer. Não precisamos primeiramente da ética para nos proibir de aspirar pelo prazer e depois para nos dizer em que

direção devemos nos empenhar. Devemos nos empenhar por ideais morais se nossa imaginação moral for suficientemente forte para nos dar intuições que emprestem à nossa vontade a força para prevalecer em face da oposição que habita dentro de nossa organização – incluindo necessariamente o desprazer.

Quando aspiramos por ideais de grandeza majestosa, fazemos isso porque eles são o conteúdo de nosso ser, e a sua realização será um prazer para nós. Em comparação, o prazer mesquinho que obtemos da satisfação dos impulsos diários é uma insignificância. Os idealistas *deleitam-se* espiritualmente em realizar seus ideais como realidade.

... O que chamamos de *o bem* não é o que *devemos* fazer, mas sim o que *queremos*, se quisermos levar a plenitude e a verdade da natureza humana ao pleno florescimento.

[130;159] ... A ética que se baseia no pessimismo surge do menosprezo da fantasia moral. ... Pessoas sem fantasia não criam ideias morais. Estas têm que ser dadas a eles. ... Somente se formos da opinião de que o ser humano simplesmente não as possui, podemos afirmar que devemos recebê-las de fora.

[130;160] ... Como seres humanos maduros, damos valores a nós mesmos. Não buscamos o prazer, que nos é dado como um presente da graça pela natureza ou pelo Criador. Nem cumprimos o dever abstrato que conhecemos como tal, depois de nos despojarmos da busca pelo prazer. Agimos como queremos, ou seja, de acordo com nossas intuições éticas. Sentimos que alcançar o que queremos é o verdadeiro prazer da nossa vida. Nós determinamos o valor da vida na proporção daquilo que foi alcançado em relação àquilo pelo qual ansiamos. A ética, que substitui o querer por um mero ‘dever’ e substitui a inclinação pela obrigação, valoriza o ser humano na proporção do dever em relação ao que ele realiza do mesmo. Ele mede os seres humanos usando uma medida que está fora de nosso ser. A concepção que é desenvolvida aqui aponta os seres humanos de volta a si mesmos. Ela reconhece apenas isso como sendo o verdadeiro valor da vida que os indivíduos veem de acordo com seu querer. Sabe tão pouco sobre um valor de vida não reconhecido pelos indivíduos quanto sabe sobre um propósito de vida que não surge dessa maneira. Ela vê no indivíduo substancial e universalmente transparente seu próprio mestre e avaliador.

Adendo à nova edição de 1918

[131;161] ... O individualismo ético é adequado para apresentar a moralidade em sua plena dignidade, pois não é da opinião de que seja genuinamente moral o que produz a harmonia de uma vontade com uma norma de uma maneira externa. Em vez disso, vê como moral o que surge de um ser humano quando desenvolvemos a vontade moral como um membro de nossa humanidade plena, de modo que fazer o imoral nos parece uma mutilação, uma deformação de nosso ser.

XIV

Individualidade e espécie

[132;162] A visão de que os seres humanos estão destinados a desenvolver uma individualidade completa, fechada e livre está em aparente contradição com o fato de que somos membros de um todo natural (raça, tribo, povo, família, gênero masculino e feminino) e que agimos dentro de um todo (o estado, a igreja e assim por diante).

... É possível existir individualidade diante disso? Podemos nos ver como completos em nós mesmos, quando crescemos de um todo e incorporamos um todo em nós?

... Se perguntarmos o porquê disso ou daquilo em os seres humanos serem de uma forma ou de outra, então devemos passar do indivíduo para a espécie.

... Dessa qualidade genérica, porém, o ser humano se liberta gradativamente. (...) Nós, humanos, desenvolvemos qualidades e funções em nós mesmos, cuja base determinante só podemos buscar em nós mesmos. O genérico serve apenas como meio de expressar nosso ser particular.

... Somos muito teimosos em julgar genericamente onde isso tem a ver com a sexualidade humana. O homem vê na mulher, e a mulher vê no homem, quase sempre muito do caráter geral do outro sexo e muito pouco do aspecto individual. Na vida prática, isso prejudica menos os homens do que as mulheres. [133;163] ... As atividades do homem na vida são dirigidas por suas aptidões e inclinações individuais, mas as da mulher deveriam ser determinadas unicamente pela circunstância de ela ser mulher. Supõe-se que a mulher deveria ser escrava do que é genérico, do feminino universal. Enquanto os homens debaterem se as mulheres 'de acordo com sua disposição natural' são adequadas para essa ou aquela profissão, a chamada 'questão feminina' não pode escapar de seu estágio mais elementar. O que as mulheres podem querer de acordo com sua natureza deve ser deixado para as elas decidirem. ... Alguns temem uma revolução em nossas relações sociais se as mulheres forem tratadas não como individualidades genéricas, mas como indivíduos. A isso deve ser contestado que as condições sociais em que metade da humanidade leva uma existência abaixo da dignidade humana precisam melhorar muito.

[133;164]... Onde começa o reino da liberdade (de pensar e agir), cessa a determinação do indivíduo de acordo com as leis do gênero. ... Os indivíduos devem adquirir seus conceitos por meio de suas próprias intuições. Como o indivíduo deve pensar não pode ser deduzido de nenhum conceito genérico. Apenas o indivíduo é o seu determinante. [134;164] ... Nesse sentido, todo ser humano é um problema.

... Somente na medida em que os seres humanos se libertam do que descrevi como genérico, eles passam a ser considerados como um espírito livre dentro de uma comunidade humana.

[134;165] ... Apenas a parte de nossa ação que brota de nossas intuições tem verdadeiro valor ético. ... Podemos também dizer: a ação moral humana é a soma total das criações da fantasia moral de indivíduos humanos livres.

Questões finais

XV

As consequências do monismo

[138;170] A explicação unificada do mundo, ou o monismo que está implícito aqui, tira da experiência humana os princípios de que precisamos para uma explicação do mundo. Procuramos igualmente as fontes de ação no mundo da observação, nomeadamente na nossa natureza humana acessível ao autoconhecimento e, sobretudo, na fantasia moral. ... Para o monismo, a unidade que a observação pensante vivenciada traz às múltiplas diversidades de percepções, é simultaneamente a mesma que a necessidade humana de conhecimento exige; por meio daquela unidade, ele busca a entrada nos reinos físico e espiritual. ... O ser humano individual, na verdade, não está isolado do mundo. Ele é uma parte do mundo; existe uma conexão dele com todo o cosmos de acordo com a realidade, que só é interrompida para a nossa percepção. ... Quando isso acontece, a existência parcial revela-se apenas como sendo uma *aparência para a percepção*. Nós, como humanos, podemos encontrar nossa existência total encerrada no universo apenas por meio de uma experiência mental intuitiva. O pensamento destrói a aparência da percepção e integra nossa existência individual à vida do cosmos.

[139;172] ... Viver na realidade repleto de conteúdo de pensamento é, ao mesmo tempo, viver em Deus.

[140;172] ... Toda a transcendência do mundo é apenas aparente, e os princípios que foram exportados do mundo não fazem um trabalho melhor do que aqueles que estão dentro do mundo. Mas o pensar que entende corretamente a si próprio não exige tal transcendência de forma alguma. A fim de formar uma

realidade, um conteúdo de pensamento deve buscar sua contrapartida perceptual apenas dentro do mundo, não fora dele. ... [140;173] Um ser primordial do mundo, para o qual um conteúdo é especulado, é uma suposição impossível para um pensamento que se compreende a si mesmo. ... O monismo vê apenas uma ciência incompleta numa ciência que se limita a descrever percepções sem penetrar nos complementos ideativos da mesma. Mas também vê como meias medidas todos os conceitos abstratos que não encontram seus complementos na percepção e não se encaixam em nenhum lugar na rede conceitual que abrange o mundo observável.

[141;173] ... Não transformamos os propósitos de um ser primário objetivo (transcendente) em nossos próprios propósitos, mas sim perseguimos os nossos que nos foram dados por nossa fantasia moral. [141;174] ... Com certeza, esse ímpeto é determinado no mundo das ideias; porém, na prática, só pode ser traduzido por nós em realidade. ... Somos então os últimos determinantes da nossa ação. Nós somos livres.

Adendo à nova edição de 1918

[142;175] ... Consideraremos o ser humano que age como sendo *livre* se formos capazes de atribuir à experiência intuitiva do pensamento uma essência que subsiste por si mesma com base na experiência interior. Quem não puder fazer isso não encontrará nenhum caminho defensável para assumir a liberdade. Aqui, a experiência decisiva encontra o pensamento intuitivo *dentro da consciência*, que não atinge a realidade apenas na consciência. Assim, encontra a liberdade como a característica das ações que emanam das intuições da consciência.

Posfácio do Prof. Amrine

Resta a questão: o que *A filosofia da liberdade* tem a ver com a Pedagogia Waldorf? A resposta é simples: tudo e nada.

Nada, precisamente porque o indivíduo livre é autônomo. Nesse sentido a pessoa não permite que nada seja prescrito de fora. Seus atos são baseados em suas próprias intuições morais e fantasias morais individuais. Nem mesmo *A filosofia da liberdade* pode interferir nessa liberdade.

Tudo, precisamente porque o currículo Waldorf estimula a intuição e a imaginação. Nesse sentido, ele é a *preparação* ideal para a liberdade moral.